

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

LUCAS KOWALESKI

IMPRESSÕES A RESPEITO DA SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA



Porto Alegre
2023

LUCAS KOWALESKI

IMPRESSÕES A RESPEITO DA SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

Trabalho de conclusão de curso, apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte das exigências para a obtenção do título de bacharelado em Psicologia.

Orientador: Amadeu De Oliveira Weinmann

Porto Alegre
2023

LUCAS KOWALESKI

IMPRESSÕES A RESPEITO DA SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

Trabalho de conclusão de curso, apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte das exigências para a obtenção do título de bacharelado em Psicologia.

Orientador: Amadeu De Oliveira Weinmann

Local, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Amadeu De Oliveira Weinmann
UFRGS

Prof. (Nome do professor avaliador)
Afiliações

Prof. (Nome do professor avaliador)
Afiliações

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer a todas as pessoas que estiveram comigo nesse período em uma só página. Então, peço ao leitor e a leitora que sentir que fez parte desse percurso de alguma forma, que se sinta contemplado com meu agradecimento.

Agradeço, primeiramente, a minha família, meus pais, especificamente minha mãe por todo amor e carinho, por acreditar e apostar em mim, sempre me apoiando nessa caminhada com todas as suas forças. Aos meus tios e tias que me apoiaram nos momentos difíceis e sempre incentivaram a continuidade do meu percurso. Aos meus padrinhos, Colmar e Rosane, que estiveram sempre ao meu lado e se mostraram sempre presentes quando a ajuda era necessária. A minha tia Maria que me recebeu em sua casa quando eu era pequeno. Ao meu tio Pedro, que emprestou o primeiro livro que li, e através do qual iniciei as leituras da vida. A minha avó Ruth, pelos cafés da tarde com bolacha de forno a lenha e todo carinho e apreciação que tem por mim. Ao meu avô Valdomiro, pelos causos que contava e que já desde pequeno me fazia exercer um desejo pela escuta. Ao meu irmão, Leandro, pelos momentos de diversão e de compartilhar as tristezas também, por estar ao meu lado e me apoiar. Aos meus primos e primas que mantiveram viva nossa parceria de brincadeiras, boas vivências e carinho. Aos meus queridos amigos, de sexta a noite, mas também de quarta, sem os quais não seria possível a continuidade nessa caminhada, mas que, ao contrário, a tornaram mais leve. Às pessoas que passaram pela minha vida, mas que já não estão mais, que foram muitas nesses quase seis anos, mas que guardo um pedacinho de cada no coração, umas mais outras menos, mas que sou eternamente grato.

Ao longo dessa travessia, pude contar com muitas pessoas que me auxiliaram e produziram efeitos em mim que me transformaram. Agradeço aos professores do curso Resgate Popular, por terem despertado em mim uma faísca de vontade pelo conhecimento e por possibilitarem que eu pudesse sonhar. Ao professor Amadeu Weinmann pela orientação e pela esplêndida forma de transmitir o conhecimento. Aos meus colegas, pelas trocas, debates, construções e conversas. Aos técnicos da clínica da UFRGS, pelo suporte na aprendizagem da técnica clínica. Por fim, agradeço a todos vocês, do fundo do coração, por ter conseguido chegar até aqui. Todos foram muito importantes e ficarão para sempre na minha memória.

*“Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.*

*Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
talvez lhe dê apoio.*

*E o encho de algodão,
de paina, de doçura.*

*A cola vai fixar
suas orelhas pensas.*

*A tromba se enovela,
é a parte mais feliz
de sua arquitetura.*

*Mas há também as presas,
dessa matéria pura
que não sei figurar.*

*Tão alva essa riqueza
a espojar-se nos circos
sem perda ou corrupção.*

*E há por fim os olhos,
onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude.*

*Eis o meu pobre elefante
pronto para sair
à procura de amigos
num mundo enfasiado
que já não crê em bichos
e duvida das coisas.*

*Ei-lo, massa imponente
e frágil, que se abana
e move lentamente
a pele costurada
onde há flores de pano*

*e nuvens, alusões
a um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais.
Vai o meu elefante
pela rua povoada,
mas não o querem ver
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.
É todo graça, embora
as pernas não ajudem
e seu ventre balofo
se arrisque a desabar
ao mais leve empurrão.
Mostra com elegância
sua mínima vida,
e não há na cidade
alma que se disponha
a recolher em si
desse corpo sensível
a fugitiva imagem,
o passo desastrado
mas faminto e tocante.
Mas faminto de seres
e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,
sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,
de luzes que não cegam
e brilham através
dos troncos mais espessos.
Esse passo que vai*

*sem esmagar as plantas
no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,
as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.
E já tarde da noite
volta meu elefante,
mas volta fatigado,
as patas vacilantes
se desmancham no pó.
Ele não encontrou
o de que carecia,
o de que carecemos,
eu e meu elefante,
em que amo disfarçar-me.
Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.
A cola se dissolve
e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.
Amanhã recomeço.”*

*O Elefante
Carlos Drummond de Andrade*

RESUMO

A proposta deste trabalho é refletir a respeito da subjetividade contemporânea sob a ótica crítica da psicologia a respeito dos sistemas estruturais que organizam os sujeitos em sociedade, os quais operam como produtores de sofrimento psíquico, como é o caso do neoliberalismo. A razão neoliberal se impõe no desejo inconsciente do sujeito ocasionando indivíduos despossuídos de si e, ao mesmo tempo, imersos na demanda insuportável do imperativo do gozo. Impelido a transcender-se constantemente, o sujeito empresa de si leva a vida como uma forma de trabalho, com metas que o levariam mais próximo a um certo ideal de bem viver. Porém, por não dar conta da temporalidade apressada do Outro e do excesso da demanda infinita do mais-gozar, acaba sucumbindo ao sofrimento. Por fim, faço um paralelo entre arte e vida, tentando apresentar a liberdade criativa da arte como algo que possa operar numa resistência a essa lógica neoliberal. Nesse sentido, todo o texto se pretende crítico aos formatos academicistas, mesmo que os siga em determinados momentos, porém, tendo consciência de que a escrita livre opera como uma ação no real, daquilo que o texto traz no simbólico.

Palavras-Chave: Neoliberalismo; sofrimento psíquico; desempenho; demanda.

RESUMEN

El propósito de este trabajo es reflexionar sobre la subjetividad contemporánea en la perspectiva crítica de la psicología respecto a los sistemas estructurales que organizan a los sujetos en la sociedad, los cuales operan como productores de sufrimiento psíquico, como es el caso del neoliberalismo. La razón neoliberal se impone sobre el deseo inconsciente del sujeto, provocando individuos que se encuentran desposeídos de sí mismos y, al mismo tiempo, inmersos en la insostenible exigencia del imperativo del goce. Impulsado a superarse constantemente a sí mismo, el sujeto emprendedor toma la vida como una forma de trabajo, con metas que lo acercarían a un cierto ideal de vivir bien. Sin embargo, al no poder hacer frente a la temporalidad apresurada del Otro y al exceso de la demanda infinita de goce excedente, acaba sucumbiendo al sufrimiento. Finalmente, hago un paralelismo entre el arte y la vida, tratando de presentar la libertad creativa del arte como algo que puede operar en resistencia a esta lógica neoliberal. En ese sentido, todo el texto pretende ser crítico con los formatos académicos, aunque los siga en ciertos momentos, sin embargo, siendo conscientes de que la escritura libre opera como una acción en la realidad, de lo que el texto trae en lo simbólico.

Palabras llave: Neoliberalismo; sufrimiento psíquico; actuación; demanda.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. NEOLIBERALISMO E TRABALHO.....	13
3. DESEMPENHO E GOZO.....	20
4. ONDE EU FUI PARAR? ATUALIDADES DO SOFRIMENTO.....	25
4.1SEM TEMPO PARA SOFRER.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
6. REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Escrever¹
inscreve
na carne
coisas que
a consciência
não entende.

Márcia Ivana de Lima e Silva fala sobre a sua atuação como orientadora de trabalhos de escrita criativa. Ela diz que ser orientadora é “perceber o trabalho criativo como produtor de conhecimento, em diversas dimensões, a saber, teórica, histórica, conceitual, entre outras, sem mencionar a dimensão estética, implícita na realização artística” (SILVA, 2021, p. 485). Isso traz a importância que uma escrita criativa tem como produção de autoconhecimento e como ela permite explorar campos da vida dentro da cultura, por meio da ficção. Assim também ocorre com o livro *Cura Pelas Palavras*, de Rupi Kaur (2023), em que ela propõe que o leitor escreva durante todo o livro. A partir da escrita livre, Rupi traz exercícios para orientar o leitor-escritor a exercer uma escrita que permita que ele se conecte com o seu íntimo, ao mesmo tempo em que possibilita que ele exerça a sua criatividade e desenvolva uma escrita poética. Parece-me que Rupi Kaur opera como uma espécie de orientadora em seu livro. Ela auxilia o leitor-escritor a encontrar caminhos para produzir algo de si a partir da escrita, a encontrar “sua própria voz”, como diz Márcia Ivana de Lima e Silva (2021). Para ajudar nesse processo, a autora também vai contando a sua história e como ela começou a escrever, além de dar exemplos de alguns poemas que escreveu. O interessante é que o livro não tem o intuito de formar um escritor ou um poeta, mas sim de que qualquer pessoa, mesmo que nunca tenha entrado em contato com a poesia, possa experimentar entrar em contato com a criatividade poética. Como Rupi mesma diz,

A criatividade se estende para além de telas e diários. Dançar é criativo. Limpar a casa; escrever um ensaio; inventar uma desculpa para não encontrar a família no almoço do Dia das Mães é um ato criativo. Assim como organizar o armário, cozinhar, fazer jardinagem e passear por uma biblioteca. Todo mundo pode ser criativo da maneira que quiser (KAUR, 2023, p. 10).

¹ Poema autoral.

Essa ideia está de acordo com a definição de poema que Otávio Paz (1982, p. 15) faz, de que “o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal”, citado pela professora Márcia Ivana de Lima e Silva (PAZ Apud SILVA, 2021, p. 455). Portanto, a escrita criativa pode ser exercida por qualquer pessoa, como forma de autoconhecimento, ou apenas de expressão da vida. Márcia também traz uma importante citação de Ana Cristina César (2016, p. 294), que conta que “a gente não sabe direito para quem a gente escreve. Mas existe, por trás do que a gente escreve, o desejo do encontro ou o desejo de mobilização do outro” (SILVA, 2021, p. 464). Acrescento que há, também, uma possibilidade de movimentar a si mesmo, no sentido de mobilizar um gozo no ato da escrita, encontrar destinos para ele.

Penso que a proposta de Rupi Kaur (2023) talvez propicie o exercício do saber-fazer, dentro da teoria psicanalítica. Não uma produção de sentido absoluto, mas algo que esse processo de escrita possa oferecer ao sujeito, uma possibilidade de explorar a *letra*, talvez até movimentar o gozo. Escrever provoca inquietações, angústia, mexe com as emoções e movimenta algo dentro do sujeito. Como trouxe no poema que escrevi na epígrafe desta introdução, o qual tem minha autoria, a escrita produz coisas que a gente não entende, está fora do sentido, nas entrelinhas, ela traz algo do inconsciente e que produz efeitos no corpo. É nesse sentido que me proponho a escrever mais livremente neste trabalho acadêmico e busco uma escrita que produza inquietações, mas que fuja da escrita dura academicista. O resultado veremos posteriormente.

NEOLIBERALISMO E TRABALHO

Fugindo do fracasso
 lavei-me nas águas do sucesso
 pendurei-me, cansado
 no varal do ócio
 de corpo já era outro
 consumado no fogo esportista da empresa
 ultra-sendo, além de mim, superação
 como abelha afogada no mel
 por excesso de gozo morrer.²

Estava atrasado para um compromisso quando terminei de enviar a inscrição para o tão temido trabalho de conclusão de curso. Guardei a chave de casa na mochila enquanto caminhava e sai às pressas pensando sobre que assuntos escrever, como estruturar, não fazia ideia de que tema escolher. O processo de encontrar um horizonte a seguir se deu da junção de vários assuntos, os quais convergiam para a observação da subjetividade contemporânea. Assim, tópicos como trabalho, neoliberalismo, depressão, solidão, tempo e sofrimento se entrelaçam nas próximas linhas com vias de apresentar o que, dentro de algumas limitações, se pode dizer a respeito da subjetividade contemporânea. Começa agora, então, essa jornada.

“Tem uma bala aí?”, perguntou o colega de trabalho com fome. Já era perto das dez horas e quem começava a trabalhar às sete e meia já tinha usado todas as energias do café da manhã. Uma bala é fácil de comer, é só tirar do papel, colocar na boca e você mastiga enquanto continua trabalhando. Por isso, era comum comer uma bala para enganar o estômago até o horário do almoço. Depois vinha o almoço (uma hora), o café da tarde (quinze minutos) e finalmente chegava a hora de ir embora, lá pelas seis e meia da noite. Chegava em casa lá pelas sete e quinze, banho, janta, um pouco de televisão ou qualquer coisa do tipo e cama. No outro dia começava tudo novamente. Essa é a vida de quem trabalha numa fábrica. Mas desde a revolução industrial muitas coisas foram se modificando, outras ainda permanecem. Na fábrica, a linha de produção exigia uma padronização do trabalho e, por consequência, ele era sempre segmentado e repetitivo. Os limites entre a vida pessoal e laboral pareciam estar mais bem delimitados pelo horário de trabalho. Já na empresa, o empregado precisa se virar para alcançar metas as quais não tem uma relação causal

² Poema autoral.

necessária entre elas, mas aparecem conforme as demandas do mercado exigindo, muitas vezes, trabalhos bem diferentes. Com a ascensão do neoliberalismo o *modus operandi* que vivemos se alterou. Em diferenciação com a fábrica, o desejo do patrão e o desejo do funcionário parecem se confundir.

Num desses encontros de amigos, cheguei ao bar combinado, cumprimentei o pessoal e me sentei. “Vamos de duplo malte?” — a espuma já fazia burburinhos no copo gelado. Antes que eu bebesse o primeiro gole alguém grita um “sextou! Hoje foi merecido”. Muitas vezes me coloco nessa situação de meritocracia, em que a cerveja que se bebe é tão melhor quanto melhor tiver sido a produtividade do dia. Penso que possa estar relacionado a um pensamento cristão em que para obter qualquer dose de prazer é necessário antes passar por algum sofrimento. Walter Benjamin nos diz algo semelhante em seu escrito *O capitalismo como religião*, no início do fragmento 74, ele escreve:

O capitalismo presumivelmente é o primeiro caso de culto não expiatório, mas culpabilizador. Nesse aspecto, tal sistema religioso é decorrente de um movimento monstruoso. Uma monstruosa consciência de culpa que não sabe como expiar lança mão do culto, não para expiar essa culpa, mas para torná-la universal, para martelá-la na consciência e, por fim e acima de tudo, envolver o próprio Deus nessa culpa, para que ele se interesse pela expiação (BENJAMIN, 2013, p. 15).

Então, me parece que o que Benjamin apresenta é que o capitalismo produz essa culpa que nunca é paga, uma dívida simbólica por assim dizer, que nunca é paga porque o sujeito se acredita empreendedor de si, tudo o que se é, é mérito do que se fez por si, o que na verdade é efeito de um apagamento do sujeito que segue o que o capitalismo vende como “vencedores”. O indivíduo acredita estar livre, mas não percebe o quanto está submetido a lógica capitalista. É o que o Benjamin chama de caráter “totalizante” do capitalismo, essa “religião puramente de culto, desprovida de dogma” (p.16). Posteriormente, Guy Debord (2013) vai chamar essa repetição vazia do culto ao capitalismo de espetáculo: “o espetáculo é o *capital* em tal grau de acumulação que se torna imagem (p. 25). Ele vai dizer ainda que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (p. 14). Isso me parece importante para pensar as relações nas redes sociais mediadas totalmente por imagens que mostram fragmentos de um certo exercício da vida. Retomarei esse ponto com um exemplo quando falar mais sobre o gozo, por hora, peço que me acompanhe na questão neoliberal.

Apesar de me parecer complicado associar o exercício do prazer ao cumprimento de uma certa meta diária, é isso que a maioria das pessoas tem vivenciado atualmente. O que nos leva a, aparentemente, desejar cumprir metas para nos sentirmos merecedores de um certo

prazer? Começarei, então, a falar dos entrecruzamentos que ocorrem entre o trabalho e a sociedade neoliberal. Essa parte do trabalho se fará importante para entender que tipo de indivíduo se está pensando, as nuances que ele tem que enfrentar e qual a trama que se estabelece a partir do momento em que se propõe pensar a sociedade neoliberal. Alguns conceitos serão tratados com a devida seriedade, mas espero não ser cansativo. Vamos lá.

Para auxiliar a compreender as “demandas” cotidianas e explorar melhor porque elas estão tão presentes na nossa vida, me apoiarei no conceito de neoliberalismo abordado por teóricos da sociologia, filósofos e psicanalistas. A ideia não é tornar o texto denso e sistemático, porém precisarei em alguns momentos trazer ideias de alguns autores para dar suporte ao que tentarei construir. Por isso, em alguns momentos ele ficará necessariamente mais intenso. Mas acredito que até o final será possível compreender a ideia geral deste ensaio. Então, vamos ao que interessa.

Margareth Thatcher, em uma entrevista ao Jornal Sunday Times, em 1988, disse a seguinte frase: “a economia é o método. O objetivo é mudar a alma”. Essa frase exemplifica bem a ideia de que o homem contemporâneo tem uma forma de funcionar intimamente ligada ao modelo econômico que o engloba. Dardot e Laval (2016, p. 17) vão propor que “o neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência.” Além disso, eles propõem o neoliberalismo não apenas como um modo de governo, mas como uma “racionalidade” que opera entre “governantes” e “governados”. Os autores estão propondo que o neoliberalismo pretende que o indivíduo assuma o seu próprio desejo como o desejo da empresa, ou seja, “o desejo do sujeito é o desejo do Outro. Desde que o poder moderno se torne o Outro do sujeito” (p. 327).

Em consonância com essa ideia, Safatle (2021) apresenta que o neoliberalismo institui uma lógica performática através da internalização dos princípios da empresa nos sujeitos, utilizando “dispositivos psicológicos” para tal. No primeiro capítulo do livro *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*, ele explica como “a empresa poderia nascer no coração e na mente dos indivíduos” através desses dispositivos. E descreve como se dá esse processo. Segundo ele,

Um design psicológico que só poderia ser feito através da repetição generalizada de exortações morais que nos levavam a compreender toda a resistência a tal redescrição empresarial da vida como falta moral, como recusa em ser um ‘adulto na sala’ em assumir a virtude da coragem diante do risco de empreender e abrir novos caminhos por conta própria (SAFATLE, 2021, p. 36).

Ou seja, esses mecanismos são utilizados para internalizar a racionalidade da empresa no indivíduo. E aqui não se trata de dispositivos informatizados que são implantados no corpo dos sujeitos para controlá-los (apesar de que poderia ser). Os dispositivos aos quais Safatle se refere podem ser definidos, de acordo com Agamben (2009), como “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes (p. 40)” Eu acrescentaria que eles agem persuadindo os indivíduos a aderirem a ética neoliberal.

Pode-se dizer que o endividamento subjetivo que observo ao conversar com amigos no bar, esta sensação de que se está em dívida (consigo mesmo, talvez) está relacionada a essa lógica da empresa. Não almejo esgotar as razões pelas quais as demandas se dão na vida dos sujeitos, mas, de fato, a racionalidade empresarial produz efeitos em diversas esferas da vida social. Essa racionalidade implica na construção de um novo homem. O “*neosujeito*”, como propõem Dardot e Laval (2016), é um ser da realização pessoal pautado na cultura empresarial de aprimoramento, um “sujeito unitário” do “envolvimento total de si”. Segundo eles,

Trata-se do indivíduo competente e competitivo, que procura maximizar seu capital humano em todos os campos, que não procura apenas projetar-se no futuro e calcular ganhos e custos como o velho homem econômico, mas que procura sobretudo *trabalhar a si mesmo* com o intuito de transformar-se continuamente, aprimorar-se, tornar-se sempre mais eficaz (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 333).

Porém, a realização pessoal se dá na medida em que se cumprem determinadas metas, objetivos que são esperados pela sociedade, objetivos que na maioria das vezes vêm de fora, a partir de discursos e saberes que operam instaurando a ética neoliberal nos sujeitos. Ter sucesso no âmbito empresarial se confunde com ter sucesso na vida pessoal. Aqui entra uma outra grande questão que não vou abarcar nesse escrito, mas acho importante deixar sublinhado. O que é ter sucesso? De que sucesso estamos falando? Fico pensando em uma palestra que vi, certa vez, no *You tube*, do professor Clóvis de Barros, em que ele dizia sobre o funcionário que perseguia cenouras, na verdade, metas. Então, esse funcionário corria atrás de cenouras (metas) todos os dias e era promovido aos poucos, mas sempre tinha alguém acima dele na hierarquia da empresa, até que chegou o dia em que ele foi demitido e colocaram alguém mais jovem no lugar dele. Isso se articula com outra entrevista que vi recortada pelos *Reels* do *Instagram*, em que o ex-presidente do Uruguai, José Mujica, contava uma historietta a respeito de um pescador. Era mais o menos assim. Um jornalista perguntou

para um pescador como era a sua rotina, ao que ele lhe respondeu que acordava pelas dez horas da manhã, tomava café, brincava um pouco com os filhos, almoçava com a família, ficava um pouco com a esposa, ia pescar pelas quatro da tarde, voltava, tomava banho, jantava, brincava com os filhos e ia dormir. O jornalista espantado perguntou para ele por que ele não acordava mais cedo? “Por quê?”, respondeu o pescador. “Para poder pescar mais tempo e ganhar mais dinheiro”. Novamente o pescador pergunta: “E por quê?” Mas o jornalista insiste: “para que possa comprar um barco maior”. Sob questionamento novamente o jornalista responde. “Para pegar mais peixes e ganhar mais dinheiro e pescar em lugares diferentes e comprar uma casa maior”. “E pra quê?”, outra vez pergunta o pescador. “Para que possa ter melhores condições de vida e para que possa se aposentar com mais tranquilidade e para que no futuro lhe sobre tempo para acordar mais tarde, para que o senhor possa brincar com seus netos e passar mais tempo com sua esposa e pescar quando tiver vontade”. Bom, não sei se contei bem correta a história, mas acredito que foi possível pegar a ideia. Não é que eu pense que você não deva ser um perseguidor de cenouras, leitor, ou de peixes, mas ao menos é intrigante pensar que as possibilidades que o capital nos oferece, muitas vezes são ilusórias e para o sucesso do próprio capital. E a lógica econômica está introjetada em nós, assim como no jornalista da história, nos obrigando a buscar peixes e cenouras para obtermos aquilo que já deveria ser nosso por direito. Mas é um assunto complexo e que desviaria um pouco o foco, então, após essa grande indagação, retorno agora para os pormenores da lógica neoliberal.

Vale destacar que quando falo em “empresa” não me refiro apenas à instituição e estrutura empresarial de uma organização que visa fins lucrativos, o que Dardot e Laval (2016) chamam de “cultura da empresa”, mas também se refere ao “governo de si.” De modo que, para além do trabalho e da realização pessoal através da vida profissional, a empresa se torna um lugar de disputa. Nas palavras dos autores, “a economia torna-se uma disciplina pessoal” (p. 331). Uma vez que todas as ações são feitas como tarefas com intuito de aperfeiçoamento de si, elas são fundamentadas na lógica econômica, do cálculo, de forma que há uma “equivalência entre a valorização mercantil do trabalho e a valorização de si próprio”, o que torna possível “comparar a empresa de si mesmo a uma forma moderna de ‘cuidado de si’” (p. 336). Todavia, o que é mais assertivo de se dizer é que essa equivalência se dá mais em relação às “técnicas de si”.

Michel Foucault entendia que o sujeito era determinado por múltiplas forças: forças externas, os saberes e poderes que o constituem em um dispositivo, mas também a

possibilidade de resistência dos corpos assujeitados. Logo, a subjetividade seria o resultado da tensão entre essas forças. O que nós somos como pessoas é algo que pode ser transformado a cada momento da nossa história. Foucault chama de “técnicas de si” os meios utilizados pelo sujeito nesse processo de transformação. Acontece que, na sociedade neoliberal, o sujeito frequentemente pactua com a racionalidade econômica do aprimoramento de si. De acordo com Weinmann (2020, p. 65), “ser sujeito é estar assujeitado a redes de saber/poder, que enunciam a verdade acerca de uma subjetividade, isto é, que a ligam, coercitivamente, a determinada identidade.” Logo, a norma que provinha de uma exterioridade, apresentada pelos dispositivos psicológicos, passam a ser um princípio do sujeito que adota a lógica da empresa de si como uma técnica de si.

Vale lembrar que o que foi abordado até aqui sobre a sociedade neoliberal só foi possível de ser dito porque vivemos em um mundo capitalista. Mas o que isso acrescenta ao já dito? Veremos mais à frente que o modo de vida que a sociedade neoliberal oferece para os indivíduos é danosa a saúde mental e física. Essa organização social só acontece porque o capitalismo, em dado momento da história, se estabeleceu enquanto sistema econômico. Acontece que nem sempre foi assim e o capitalismo nem sempre foi o mesmo, mas não vou me ater a isso no momento. Em resumo, a diferença é que, na atualidade, não se consegue imaginar outra forma de sociedade. A isso, Mark Fisher irá chamar de “realismo capitalista”.

O realismo capitalista, resumindo brevemente, pode ser visto tanto como uma crença quanto como uma atitude. É a crença de que o capitalismo é o único sistema econômico viável, uma simples reafirmação da antiga máxima thatcherista: “não há alternativa” Não se trata necessariamente da ideia de que o capitalismo é um sistema particularmente bom, mas sim de persuadir as pessoas a acreditarem que é o único sistema viável e que a construção de uma alternativa é impossível. Que o descontentamento seja praticamente universal não muda em nada o fato de que não parece haver alternativa viável ao capitalismo não muda a crença de que o capitalismo ainda possui todas as cartas na mesa e que não há nada que possamos fazer sobre isso (FISHER, 2020, p. 152).

A partir do que Fisher nos diz a respeito do capitalismo, a coisa fica mais séria. Pois, além de vivermos em um mundo desumano e produtor de sofrimentos e desigualdades, em que os que têm mais pisam nos que têm menos, ainda achamos que a vida é assim, que não tem alternativa e é exatamente o próprio capitalismo que nos faz pensar assim. Talvez dê muito trabalho pensar em outras formas de existência, ou talvez não se esteja interessado, ou ainda, estamos tão imersos no mar de tubarões do capitalismo que não podemos fazer nada a respeito a não ser nadar para sobreviver. Mas o fato é que aceitar o capitalismo como único sistema econômico possível é uma forma de corroborar com toda forma de sofrimento e

violência que advém dessa organização social. Trata-se da naturalização do neoliberalismo como feito inerradicável. Por isso, me parece importante, ao falar de neoliberalismo, colocar as cartas na mesa a respeito da natureza íntima de todas essas lógicas e dispositivos que operam como produtores de sofrimento. Pois, como irão dizer Vitor Marques e Rodrigo Gonçalves, no posfácio do livro *Realismo Capitalista* de Mark Fisher,

o realismo capitalista promove uma infertilidade imaginativa em todos os âmbitos. A orientação para frente da modernidade dá lugar a uma sensação de esgotamento, um tempo travado. Essa estagnação na cultura não é sentida abruptamente, se expressa em um ‘lento cancelamento do futuro’ (2020, p. 182).

De certo modo, essa estagnação tem um pouco a ver com o perseguidor de cenouras que corre atrás de metas para acabar ficando no mesmo lugar. Essa corrida maluca barra o tempo livre necessário para que a riqueza criativa aconteça e nos deixa permanentemente esgotados. O realismo capitalista funciona sustentando estruturas de poder e forças políticas que querem tornar essa ideia uma verdade universal, como o jornalista na história do pescador que descrevi acima. Voltarei posteriormente na questão de como esse tempo “travado” e a pouca possibilidade de imaginar um futuro se ligam diretamente com o tema da depressão.

DESEMPENHO E GOZO

“Sou onde não penso.”

(Jacques Lacan)

A norma neoliberal transfere problemas sociais para os indivíduos, produzindo uma ética individualista que deixa todos os riscos da dimensão da vida a cargo do sujeito (DARDOT; LAVAL, 2016). Nesse sentido, o “cuidado de si”, propõem Dardot e Laval, é para o Outro, numa lógica do aprimoramento de tal forma que “o si não é objeto”, porque não pretende como única finalidade o benefício do eu. Todavia, seria importante ressaltar que o “si”, no meu ponto de vista, é, também, objeto. Porque ele é alvo de intervenções, de técnicas com objetivo desse aprimoramento, ele se transforma e é transformado para coincidir com o sujeito empresa. Ou seja, o autoconhecimento e o autoaprimoramento são condições para o sucesso da empresa e todos os domínios da vida se tornam potenciais investimentos, cuja responsabilidade pelo fracasso é do sujeito.

À vista disso, se observa cada vez mais a venda de produtos virtuais na internet que prometem resultados extraordinários, com discursos do tipo “torne-se a sua melhor versão”. É curioso pensarmos o porquê a nossa melhor versão viria dita por alguém, externa a nós, e não construída por nós mesmos num processo de experiência de vida. Esses produtos são, em geral, cursos, livros, e-books, palestras e afins que se sustentam muitas vezes em abordagens como a programação neurolinguística, por exemplo. Eles oferecem desde coisas como: “curso aprendizagem acelerada”; “o poder do hábito: otimizando seus comportamentos”; “5 passos para ser mais produtivo hoje”; “turbinando o desempenho sexual³”; “hipertrofia acelerada (ganho de músculos do jeito certo)” que são em sua maioria cursos breves sobre assuntos

³ **Principais cursos online de Musculação - Atualizado em** [fev. de 2023]. Disponível em: <https://www.udemy.com/pt/topic/body-building/>. Acesso em: 3 fev. 2023.

Ebook Grátis Turbinando o Desempenho Sexual. Disponível em: <https://blogturbinandodesempenhosexual.wordpress.com/tag/ebook-gratis-turbinando-o-desempenho-sexual/>. Acesso em: 3 fev. 2023.

Como Conquistar Mulheres em 47 Segundos - sandro gonçalves | Hotmart. Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/como-conquistar-mulheres-em-47-segundos/R39133403W>. Acesso em: 3 fev. 2023.

LEARNCAFE.COM. Learncafe - Cursos Online e Aulas Grátis com Certificado. Disponível em: <https://www.learncafe.com/cursos-gratis/auto-ajuda>. Acesso em: 3 fev. 2023.

específicos prometendo alcançar o objetivo rapidamente e melhorar o desempenho das pessoas. Cursos e e-books, esses, pouco conhecidos que se acham aos montes na internet. Porém, também há livros muito conhecidos, como no caso do *best-seller*: *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, entre outros. Perceba que a maioria dos cursos citados aqui tem uma relação própria com a temporalidade, prometem um atalho para coisas que demoram certo tempo se tornarem mais rápidas e com o mesmo (ou melhor) resultado. A quem serve essa abreviação do tempo? Irei retomar a questão temporal mais adiante; por hora, voltamos à questão do desempenho.

Estes materiais funcionam como pedagogias para esquadrihar um sujeito do desempenho. Aliado a isso, o discurso midiático “faz do gozo um imperativo.” A vida que se propõe ao ser humano não é mais a do equilíbrio entre consumo e gasto. Não existe uma meta, no sentido de que é sempre possível ser mais, produzir mais, consumir mais, exigir mais de si mesmo, gozar mais. Ademais, retomando a questão das redes sociais e do espetáculo ao qual havia mencionado anteriormente, poderia se dizer que, a relação com a imagem vai para além do imperativo do gozo. O filme *Triangle of sadness* (2022), do diretor Ruben Östlund, tem uma cena muito interessante que ilustra bem o que pretendo dizer. Pretendo não dar *spoiler*, mas fica a ressalva de que pode acontecer. Em um momento em que estão jantando no navio, o casal Yaya e Carl sentam-se a uma mesa junto com outros tripulantes para comer. Yaya tem um prato de macarrão servido. Carl tira algumas fotos dela encenando comer a massa e depois lhe entrega o telefone para que a namorada avalie as fotos. Segue duas imagens a respeito da cena.

Imagem 1.



Imagem 2.



Na sequência, Carl entrega o celular para a namorada para que ela avalie as fotos tiradas. Yaya empurra o prato de massa para frente e começa a analisá-las. Um dos tripulantes que estava sentado à mesa junto deles, ao ver a cena pergunta se ela não vai comer a massa, ao que ela lhe responde que não, pois é intolerante a glúten. “*It’s just for the pictures*”, acrescenta o namorado, “*she’s an influencer*”. O que parece ocorrer aí é algo que ultrapassa o imperativo do gozo, já não basta mais gozar, é preciso mostrar que se está gozando. Poderíamos chamar isso de imperativo da “mostração” do gozo. Destaco que “mostração” está entre aspas porque não é um termo meu, mas o ouvi pela primeira vez através do psicanalista Luciano Mattuella, a poucas semanas atrás. A mostração do gozo é algo que ele tem pesquisado recentemente e um assunto sobre o qual publicará um artigo futuramente. Feito essa ressalva, me parece interessante seguir para uma linha de raciocínio um pouco mais teórica e apresentar-lhes um pouco sobre o conceito de gozo.

Mas o que seria um imperativo do gozo, afinal? Se faz necessário abrir um parêntese antes de seguir, sobre o termo “gozo”, pois muitas vezes ele é confundido com o senso comum de gozo sexual. Não está de todo errado pensar assim, porém esse gozo sexual se dá em outro nível. Sigmund Freud (2016), em *Além do princípio do prazer*, começa a elaborar suas questões a respeito do trauma e, entre outras questões importantes que aborda nesse texto, ele fala do sintoma. O sintoma, para ele, nesse momento de sua obra, seria a expressão do trauma enquanto fantasia, a expressão de um desejo recalcado. O desejo, disfarçado de sintoma, reaparece na consciência para satisfazer um pouco da libido sexual. A libido, como chama Freud, tem a ver com a pulsão e é a pulsão que quer ser satisfeita a todo momento. Porém, essa satisfação sempre implica prazer e dor ao mesmo tempo, a isso Lacan vai chamar futuramente de “gozo”. Nesse sentido, o gozo é da pulsão; o sujeito tem que dar conta disso

quase como algo que vem de fora. Mas o que é a tal da pulsão? Para Freud, o ser humano tem um desejo constante de encontrar uma certa felicidade absoluta que é, na verdade, impossível. Essa felicidade poderia ser representada, hipoteticamente, pela consumação do incesto.

Juan-David Nasio (1993) explica o conceito de gozo numa analogia com os três destinos da energia psíquica em Freud. Acompanhando a teoria de Jacques Lacan, ele divide as três formas de gozo. Na leitura dele, o gozo fálico daria conta de uma descarga parcial da energia psíquica no exterior, a qual teria o falo como balizador. Já o *mais-gozar* seria a parte da energia que ficou retida no sistema psíquico e não teve descarga, o que ocasionaria o aumento da tensão interna. E, por fim, o gozo do Outro seria a descarga total dessa energia psíquica, tendo como imagem o prazer absoluto, mas que é impossível. Nas palavras dele, “o gozo é que o ser, ao cometer um equívoco, põe em ato o inconsciente” (NASIO, 1993, p. 32-33). Mas o gozo não seria o prazer, no sentido sexual do termo, pois, na teoria psicanalítica ele assume outro entendimento. Para melhor apresentar essa distinção, recorro ao autor, que diz:

No prazer — lembrem-se de Freud —, trata-se de uma diminuição da tensão psíquica, no sentido do repouso e da distensão. O gozo, por sua vez, consiste numa manutenção ou num vivo aumento da tensão. Ele não é imediatamente sentido, mas se manifesta, indiretamente, quando das experiências máximas que têm que atravessar o corpo e a psique, o sujeito inteiro. O gozo é uma palavra para expressar a experiência de vivenciar uma tensão intolerável, mescla de embriaguez e estranheza. O gozo é o estado energético que vivemos em circunstâncias-limite, em situações de ruptura, no momento em que estamos em condições de transpor um limite, assumir um desafio, enfrentar uma crise excepcional, às vezes dolorosa (NASIO, 1993, p. 40).

Portanto, o gozo do qual se trata aqui é o psicanalítico, que se refere a certos impulsos passíveis de causar dor na vida psíquica do sujeito, ainda que estejam satisfazendo um desejo inconsciente. Dessa forma, impelido a um gozo excessivo o *neosujeito* se depara cotidianamente com a “superação indefinida de si” (DARDOT; LAVAL, 2016). Para além da busca pelo prazer, o indivíduo se aliena perante si por um excesso de si mesmo, fenômeno que os autores chamam de “*ultrassubjetivação*”. Segundo eles,

não é um estado último de “posse de si”, mas um além de si sempre repellido e, além do mais, constitucionalmente ordenado, em seu próprio regime, segundo a lógica da empresa e, para além, segundo o “cosmo” do mercado mundial (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 357).

Esse modo de viver é custoso para o indivíduo no que diz respeito ao desejo, pois tudo o que ele se propõe como experiência de vida está atrelado a essa lógica que oprime a

liberdade, tornando-a uma “obrigação de desempenho” que atravessa diretamente o corpo. O que o neoliberalismo faz é educar os corpos dos sujeitos a sempre estar buscando o gozo do poder vigente. Nesse sentido, o gozo sempre é conjugado na voz passiva: somos gozados pelo neoliberalismo. Buscando “sempre ir além de suas capacidades atuais de produção e prazer”, onde o excesso se faz presente, o sujeito goza. Não obstante, na corrida sem limites pelo sucesso, o indivíduo se depara com algumas pedras no caminho, questões que são produtoras de sofrimento. Quando não consegue dar conta da demanda que ele mesmo acredita que deveria cumprir, ele se sente culpado. O indivíduo goza na culpa.

ONDE EU FUI PARAR? ATUALIDADES DO SOFRIMENTO

4

É possível pensar que o neoliberalismo produz uma nova forma de sofrer que está relacionada a esse tipo de sujeito empresa de si. É preciso garantir a adesão ao sistema dentro desta lógica produtivista que se encontra internalizada dentro de si. Porém, quando não é

⁴ Obra de Susano Correia. Disponível em: <https://www.instagram.com/susanocorreia/>

possível estar de acordo com esses moldes, se está sujeito a cair na classificação patológica pela categoria clínica.

Um ponto importante a trazer diz respeito a uma possível consequência a qual acredito estar relacionada à forma de vida contemporânea, mais especificamente à forma da empresa. Nesse sentido, a constante necessidade de autoaprimoramento está atrelada ao funcionamento do mercado de trabalho que exige, além das qualidades instrumentais, uma burocracia que ultrapassa a privacidade da empresa e adentra no íntimo de cada indivíduo impondo a extensão da sua vida psíquica à cultura da empresa. O indivíduo precisa exercer uma determinada conduta que é analisada por dispositivos de avaliação com critérios específicos. Além disso, ele está sujeito a uma constante análise qualitativa de seu comportamento, realizada dentro de uma hierarquia de poder que tem influência na continuidade do trabalho. Ou seja,

[...] o sujeito impelido a “entregar-se completamente”, a “transcender-se” pela empresa, a “motivar-se” cada vez mais para satisfazer o cliente, isto é, intimado pelo tipo de contrato que o vincula à empresa e pelo modo de avaliação que lhe é aplicado a provar seu comprometimento pessoal com o trabalho (DARDOT; LAVAL, 2020, p. 331).

Em vista disso, o indivíduo é demandado a viver sua subjetividade como se fosse uma empresa, o que confunde o público e o privado, sua vida social e pessoal, seu desejo com a demanda do mercado. O indivíduo, alienado à exigência da empresa, acaba impossibilitado, ou ao menos com grandes dificuldades de olhar para si e para sua experiência de vida, o que acaba gerando uma “corrosão de si”. De acordo com Birman:

Obrigados a uma flexibilização ao extremo da forma de ser de si próprios, para se adaptarem às flutuações do mercado de trabalho, os indivíduos perdem sua espinha dorsal, isto é, o caráter que como invariante deveria fornecer-lhes uma potência de ser e de agir na existência, de forma a se direcionarem no mundo (BIRMAN, 2014, p. 122).

É plausível pensar, então, que o excesso de demandas por parte da empresa produz um certo apagamento de si. A potencialidade da existência humana é confrontada pela exigência do mercado que opera na superfície do desejo de cada um. O resultado é um cansaço que vem acompanhado de uma autovigilância que se estende ao âmbito da vida pessoal do indivíduo — como as redes sociais, por exemplo. A política de gestão da empresa exige determinada conduta de seu colaborador dentro e fora do espaço de trabalho. Assim, uma forma de pensar ou um posicionamento político diferente do que é esperado pela empresa não pode ser exercido nem mesmo na vida pessoal. Isso implica que o indivíduo, à mercê do mercado de

trabalho, tenha que harmonizar sua vida pessoal, seus desejos, seus gostos e personalidade à ética do trabalho provando, assim, sua fidelidade e evitando penalidades. Eis uma nuance do atravessamento do neoliberalismo no psiquismo do sujeito contemporâneo produtora de sofrimento.

De acordo com Neves, Ismerim, Brito e outros (2021, p. 129), alguns “fenômenos” advindos da gestão neoliberal “como a solidão, a dissolução dos limites entre a vida doméstica e trabalho, e o avanço da lógica da competição, superação e produtividade em todas as esferas da vida” são os maiores causadores das novas formas de sofrimento psíquico. Algumas pesquisas, que serão abordadas posteriormente no presente texto, mostram que os níveis de depressão e ansiedade aumentaram, assim como o uso de medicamentos.

O aumento da depressão, por exemplo, é avaliado em consonância com a sistemática do trabalho. Sua avaliação é feita através de sintomas que prejudicam a capacidade do indivíduo de “funcionar” (SAFATLE, 2021, p. 41). Nesse viés, a narrativa social construída, segundo Dunker (2021), é de que a depressão seria uma perda da capacidade produtiva, sexual e de desempenho em função de uma desregulação química no cérebro. Esse pensamento deriva das tentativas da psiquiatria em universalizar o diagnóstico associado ao viés biologicista que exclui a teoria de que a depressão “é um problema relativo às funções do eu” e a atribui a questões puramente neurológicas (p. 189). Essa visão produz para a depressão a “figura social do fracassado”, que seria incapaz de funcionar dentro das exigências sociais. Todavia, esse discurso centraliza toda a problemática no indivíduo e no seu mal funcionamento cerebral que deve ser ajustado (colocado de volta na norma) através de medicamentos. O que desconsidera todos os fatores sociais, o contexto e a história do sujeito, individualizando, portanto, um problema que é social. Esse discurso é perigoso porque atrelado a ele surgem uma série de narrativas sobre a depressão que a afirmam apenas como distúrbio neurológico e não levam em conta a “travessia” necessária para um processo “transformativo” na vida do indivíduo que busca a cura e o quanto esse caminho vai muito além do simples tratamento farmacológico. Parece que é justamente esse processo transformativo que o neoliberalismo obscurece com sua reivindicação do aprimoramento de si, ao passo que ele é acatado pelo indivíduo que “responde demasiadamente bem à demanda de renunciar a si mesmo, ao se tematizar apenas como um personagem pouco convincente e um ator cansado de seu papel” (DUNKER, 2021, p. 209). Sintetizando, nas palavras do poeta Fernando Pessoa (1966), que dizia num de seus poemas viver outras vidas, “uma suma de não-eus sintetizados num eu postiço” (p. 93). Voltarei ao assunto da depressão mais adiante.

Não estou trazendo nenhum *News* sobre diagnóstico, tudo isso provavelmente já foi abordado, mas acredito que entender o sofrimento psíquico que se apresenta dentro do prisma da sociedade atual traz alguma diferença. As técnicas e instrumentos que visam diagnósticos cada vez mais precoces podem funcionar bem quando o assunto é intervir previamente e, assim, alcançar um melhor resultado. Porém, deve-se levar em conta a quantidade de diagnósticos com critérios cada vez menos aprofundados, focados apenas nos sintomas e que descartam a sua etiologia. O aumento dos casos de autismo é um exemplo dessa explosão diagnóstica que acaba funcionando a favor da indústria farmacêutica, a qual se expande mercadologicamente ao público infantil, através de uma aliança com a psiquiatria. Em teor crítico a isso, Dunker (2015) irá dizer que o sofrimento é imanente a um certo saber narrativo que é banhado pelos valores sociais. O TDAH, por exemplo, é um diagnóstico clínico que pretende que o indivíduo tenha certos níveis atencionais, mas que não considera o excesso de informações, telas e estímulos na sociedade acelerada a qual vivemos hoje, onde é quase normalizado que se faça três ou mais coisas ao mesmo tempo, sem prestar muita atenção nelas.

Assim também acontece com o imperativo do bem-estar, que penetra em nossas vidas e nossos corpos como se fosse algo normal e que faz com que sofrer seja algo errado. O indivíduo não pode mais sentir-se triste, pois ele deve manter-se feliz e engajado no sistema do bem-estar o tempo todo. Inclusive, não basta estar “bem”, mas é preciso demonstrar isso através do engajamento nas redes sociais. Caso a tristeza dure um tempo a mais do que se entende como “normal”, a pessoa deve imediatamente voltar à norma através da via medicamentosa, ou do consumo de algo que adormeça o seu conflito psíquico. Essas normalizações que visam esquadrihar os indivíduos em uma sociedade funcional, produzem o apagamento dos sujeitos. Além de deixar uma sensação de que o tempo está passando e se está ficando para trás.

SEM TEMPO PARA SOFRER

“O segundo crepúsculo.
A noite que mergulha no sono.
A purificação e o esquecimento.
O primeiro crepúsculo.
A manhã que foi a aurora.
O dia que foi a manhã.
O dia numeroso que será a tarde gasta.
O segundo crepúsculo.
Esse outro hábito do tempo, a noite.
A purificação e o esquecimento.
O primeiro crepúsculo...
A aurora sigilosa e na aurora
o soçobro do grego.
Que trama é esta
do será, do é e do foi?
Que rio é este
por onde corre o Ganges?
Que rio é este cuja fonte é inconcebível?
Que rio é este
que arrasta mitologias e espadas?
É inútil que durma.
Corre no sonho, no deserto, num porão.
O rio me arrebatou e sou o rio.
De matéria precívél fui feito, de misterioso
tempo.
Talvez o manancial esteja em mim.
Talvez de minha sombra
surjam, fatais e ilusórios, os dias.”

Heráclito

(Jorge Luís Borges)

O que é o tempo? Pergunta que Borges se faz no seu poema. Comecei falando no início do texto que estava atrasado, essa é uma sensação que me acomete diariamente e acredito que também acontece com a maioria das pessoas. É como se estivéssemos em um oceano, chamado capitalismo, cheio de ondas e tubarões neoliberais os quais precisamos enfrentar para sobreviver. Não é possível fugir do oceano, mas nele existem ilhas nas quais podemos nos abrigar e com seus recursos construir um barco que permita que navegemos com mais segurança e direção. O barco não nos livra da água, mas possibilita que façamos travessias por ela, que inventemos caminhos entre ilhas. A esse barco poderíamos chamar Desejo. O Desejo nos permite navegar a vida através do oceano do capital. Por vezes, os ventos alteram nossa rota, mas com bons remos e segurando firme o timão conseguimos encontrar um caminho. Trago a metáfora do barco do desejo para tentar apresentar que há recursos para vivermos para além da lógica econômica. Tive inspiração numa fala de Edson Souza na Jornada da Associação Psicanalítica de Porto Alegre em 2023, cujo tema era “Ética, estética, criação, destruição”.

Albert Einstein, certa vez disse em um escrito a seguinte frase: “para nós, físicos crentes, esta separação entre passado, presente e futuro não tem senão o valor de uma ilusão, por tenaz que seja.” Einstein faz bom uso da temporalidade quando se refere, em uma carta aos familiares de seu amigo Besso que, presente, passado e futuro, como nós os conhecemos, são uma ilusão. Mas por que ele diz isso? Porque o tempo é, na verdade, perdido e se altera a depender da forma como se vive. Em sua teoria da relatividade especial, Einstein demonstra que o tempo é relativo, pois depende da velocidade em que se experiencia ele. O ponto que me parece mais importante aproveitar é que, de fato, se tem a sensação de que o tempo está passando mais rápido na atualidade. Será isso verdade ou é apenas outra ilusão?

O indivíduo contemporâneo vive o tempo de um Outro apressado que enlouquece o tempo psíquico. O Outro é tudo aquilo que nos subjetiva, isso inclui o viver dentro de determinada cultura a qual é atravessada por certa forma de organizar o tempo. “No sentido estrito, o grande Outro designa o conjunto das instâncias que determinam a nossa existência a despeito da nossa vontade” (NÁPOLI, 2022). Não sei se é possível afirmar num cálculo matemático, como fez Einstein, que o tempo está passando de maneira acelerada hoje e, talvez, a forma que cada um vive seu tempo repercutirá em resultados matemáticos diferentes e praticamente insignificantes, na questão da aceleração. Todavia, ele comprova que dois indivíduos podem perceber o tempo de formas diferentes. No campo da consciência, se percebe que o tempo tem sido experienciado de maneira diferente e essa alteração no real traz

implicações, as quais ainda são indefinidas, mas que tentarei explorar um pouco aqui. Maria Rita Kehl, em *O tempo e o cão* (2010), fala sobre uma certa “paixão pela segurança” pela qual o homem contemporâneo é marcado. Ela comenta que o fato de que “a vida seja um percurso pontuado por riscos inevitáveis produz uma espécie de escândalo” (p. 56). Ao entrar em contato com o texto da Maria Rita, muitas ideias me ocorrem. Ela articula muitos autores para apresentar a questão temporal da depressão e muitos conceitos que auxiliam na construção dessa hipótese. Tentarei tomar emprestado alguns conceitos que ela utiliza em seu texto para que possa percorrer as linhas temporais e significantes dessa parte do texto.

Em seu livro, Kehl (2010, p. 161-162) utiliza dois conceitos de Walter Benjamin que são muito interessantes para pensar essa temática: a saber, o de *vivência* e o de *experiência*. Conforme a autora, “o que Benjamin designa por vivência (Erlebnis) corresponde ao que, do vivido, produz sensações e reações imediatas, *mas não modifica necessariamente o psiquismo*.” Em contrapartida, experiência “tem o sentido daquilo que, ao ser vivido, produz um saber passível de transmissão.” No interior, era muito comum as pessoas que trabalhavam com agricultura, em um momento de descanso, sentarem-se abaixo da sombra das árvores e conversarem sobre coisas aleatórias. Me recordo que, após capinar alguns carreiros de aipim, para limpar as sujeiras da volta dos pés da planta, meu pai olhava para o que já havia sido feito e me dizia ao soprar de um vento: “olha, parece que elas tão abanando agradecidas e faceiras porque a gente limpou em volta delas”. Outra cena que me sobressalta nesse momento era quando ia visitar meu avô em sua casa e eu e minha família tínhamos o costume de pegar as cadeiras e nos sentarmos no pátio em frente à casa dele para conversarmos. Das conversas não me recordo muito, pois era pequeno, mas algo que se repetia sempre e que não esqueço era que, toda vez que nós íamos lá, meu avô contava um “causo”, como ele chamava suas anedotas e histórias de vida – algumas piadas, também. Essas duas lembranças eu as trago, pois me parecem ir muito ao encontro do que Benjamin está propondo a respeito de *experiência*. É um saber que reproduz na vida cotidiana, o de contar histórias e de olhar para a natureza com certa intimidade. Ao contrário disso, o tempo cotidiano se perde em consumo de instantes fragmentados e desconexos entre si, mas com fins parecidos. O sujeito não consegue mais produzir narrativas sobre si e sobre a vida. Essa perda de construção narrativa implica na “perda de referências” característica do sujeito contemporâneo, que “se vê na condição desamparada de ter de se tornar autor de sua própria vida” (KEHL, 2010, p. 159).

Acredito, assim como Maria Rita, que o contemporâneo perde cada vez mais o espaço de experienciar as coisas e os momentos para uma vivência desenfreada de um turbilhão de

estímulos. Cotidianamente, somos bombardeados por vídeos de *tik tok*, os quais passamos horas do dia (nos entretendo?) sem efetivamente extrair algum saber sobre aquilo. Assim, também é com o trabalho, que deveria ser um saber em que o sujeito pudesse experienciar a vida criativamente dentro da perspectiva de uma prática, um saber-fazer. Porém, acaba se tornando algo repetitivo, marcado por metas e demandas impossíveis, única e exclusivamente em prol do ganho financeiro e do consumo. Até mesmo o tempo que deveria ser para o prazer é algo que precisa ser consumido. “Nada causa tanto escândalo, em nosso tempo, quanto o tempo vazio. É preciso ‘aproveitar’ o tempo, *fazer render* a vida, sem preguiça e sem descanso (KEHL, 2010, p. 125).” O tempo de lazer acaba virando uma espécie de trabalho.

Retomando o que havia comentado mais acima, essa aceleração temporal está intimamente ligada à problemática contemporânea da depressão. Devido às exigências da vida laboral pautada numa produção constante, em que o neoliberalismo invade o psiquismo do sujeito, tornando o seu viver um cumprir de metas diárias vazias, sob a pressão de ter que estar à altura do tempo acelerado do Outro, o sujeito acaba por operar mais na vivência do que na experiência. E essa ‘temporalidade’ de um presente comprimido pelas necessidades da vida prática e desprovido de quaisquer fantasias a respeito do devir não é muito diferente do sufocante tempo estagnado que caracteriza os episódios de depressão (KEHL, 2010). No seu texto, Maria Rita apresenta que, para Benjamin, essa temporalidade apressada é conflitante com a *experiência*.

Nesse cenário social de um tempo vertiginoso, acontece a trama da depressão. Segundo Maria Rita Kehl (2010, p. 49), “depressão é o nome contemporâneo para os sofrimentos decorrentes da perda do lugar dos sujeitos junto à versão imaginária do Outro”. Ou seja, o indivíduo não dá conta de estar à altura do Outro, ou também, retomando Safatle, ele não consegue funcionar conforme a sociedade de consumo deseja. Ele não consegue experienciar um percurso de vida no qual constrói narrativas que traçam uma perspectiva de futuro. De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2022), “a depressão é a principal causa de incapacidade em todo o mundo e contribui de forma importante para a carga global de doenças”. De acordo com dados da Assembleia Legislativa do Estado do Piauí (BEZERRA, 2023), “a OMS revelou que os reflexos da pandemia promoveram um aumento de 25% nos casos de ansiedade e depressão em 2020. Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas e da Vital Strategies mostrou que os casos diagnosticados de depressão subiram de 9,6%, antes da pandemia, para 13,5% em 2022” (s/p). Assim, também apresentou o Conselho Federal de Farmácia, numa nota de 2021, que as vendas dos antidepressivos aumentaram 13%

numa média geral do país, chegando a 30% em alguns estados (BRASIL, 2021). Esses dados fazem pensar que a depressão, como é conhecida pelos manuais diagnósticos de psiquiatria, está em crescimento atualmente, assim como o uso de antidepressivos. A esse respeito, Maria Rita Kehl (2010, p. 217) nos diz:

O imperativo do gozo que circula nas sociedades capitalistas do século XXI não aboliu a dívida simbólica nem anulou a principal característica do sujeito da psicanálise — o conflito psíquico. Por um lado, a equivalência entre os ideais de felicidade e a supressão do conflito constrói a perspectiva fantasiosa de que o sujeito possa se tornar idêntico a si mesmo, anulando sua divisão originária. O empobrecimento da vida subjetiva que resulta das diversas estratégias contemporâneas de anulação do conflito — seja por via medicamentosa ou pela adesão sem reservas às ofertas de gozo em circulação no mercado — é cúmplice do atual crescimento dos casos de depressão.

Logo, o “imperativo do gozo”, que já fora abordado no presente texto, assim como a utilização desenfreada de medicamentos como forma de promover a cura para a depressão, associado ao consumo de mundos ofertados com um brilho vazio, produzem esse “empobrecimento” da vida do sujeito que já não sabe mais quem é. Sirvo-me, agora, da imagem do coelho de *Alice no país das maravilhas*, que ilustra um pouco o que estou tentando apresentar.



5

⁵ Recorte do filme *Alice no país das maravilhas* (2010), com direção de Tim Burton.

Como disse Lewis Carroll (2000, p. 32), na voz de Alice: “eu... já nem sei, minha senhora, nesse momento... Bem, eu sei quem eu era quando acordei esta manhã, mas acho que mudei tantas vezes desde então...” O desejo do sujeito tão voltado a cumprir as demandas cotidianas, consome e é consumido pelo Outro do excesso, emaranhado nas técnicas de si, tudo isso enquanto navega na dilatação acelerada do tempo. Talvez *Alice*, assim como Einstein, nos mostre o quão absurdo é o mundo que estabelecemos como nosso se olharmos com mais cautela para ele e que não faz tanto sentido viver a lógica desse tempo vertiginoso. Estamos sempre correndo atrás de coisas triviais como o coelho branco e repetindo rituais malucos, girando em círculos sem ao menos beber o chá que servimos, sem experienciar de fato o que se vive. Na vida cotidiana, estar fora da aceleração do tempo é alienante, causa uma sensação de endividamento subjetivo. O indivíduo tem que estar sempre fazendo alguma coisa para não se sentir em dívida com o imperativo do gozo superegóico.

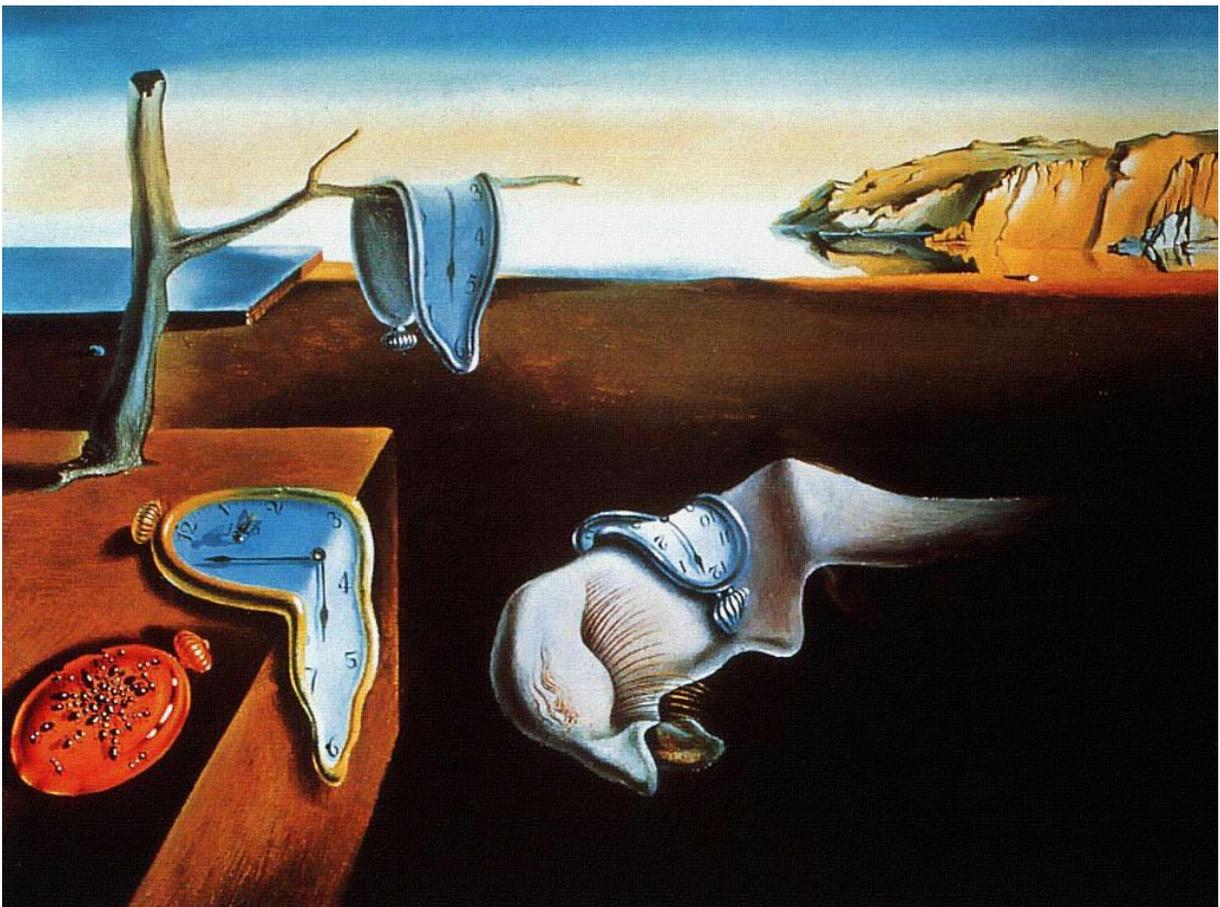
Acrescentarei, agora, outra consideração sobre o tempo, que nos ajudará a pensar sobre isso. O físico Carlo Rovelli, em uma apresentação no TEDx, tenta demonstrar como o tempo não existe. Como assim? Para a física, quando se trata de tempo, ele não existe, pelo menos não dessa forma pela qual o conhecemos. Mas como ele pode comprovar isso? Para isso, ele utilizou conceitos como “alto” e “baixo” e confirmou que o tempo passa mais rápido para um relógio que está numa posição mais alta e mais devagar para outro que está mais baixo. Porém, isso só pode ser observado por relógios com uma precisão muito alta, como os relógios atômicos. Até aqui, está parecido com a teoria do Einstein, mas o que muda é que, se sairmos da órbita da terra, explica ele, se um astronauta for pedir a um colega “hey! Me dê o relógio acima, por favor”, isso não faria sentido para esse colega porque ele estaria sob o efeito da gravidade, muito provavelmente de lado ou de cabeça para baixo, se pensarmos em relação à terra. Ou seja, em cima e embaixo não fazem mais sentido. Bom, mas e de que isso nos serve aqui na terra? Para mim, é no mínimo curioso! Se estamos falando que os indivíduos na sociedade contemporânea estão destituídos do seu lugar imaginário em relação ao Outro da cultura — e isso se dá porque a temporalidade do Outro excede a nossa capacidade psíquica de dar conta dessa temporalidade acelerada, mas conforme a física, o tempo como o vivemos não existe, — temos aí um paradoxo.

Na verdade, não é que o tempo não exista, mas ele é muito mais complexo do que o que a sociedade neoliberal quer que pensemos. Para auxiliar nessa questão, trago uma passagem de uma entrevista feita ao jornal BBC News em que perguntam à Carlo Rovelli se o tempo existe.

Carlo Rovelli – “Sim, claro que o tempo existe. Do contrário, o que é que sempre nos falta? Mas a ideia comum que temos sobre o que é o tempo e como ele funciona não serve para entendermos átomos e galáxias. Nossa concepção usual de tempo funciona apenas em nossa escala e quando vamos medir as coisas com muita precisão.”

“Se quisermos aprender mais sobre o universo, temos que mudar a nossa visão do tempo. Porque o que costumamos chamar de “tempo”, sem pensar muito sobre o que isso significa, é realmente um emaranhado de fenômenos diferentes. O tempo pode parecer simples, mas é realmente complexo: ele é feito de muitas camadas, algumas das quais são relevantes apenas para certos fenômenos, e não para outros.”

Após já ter escrito essa parte do texto, enquanto pensava sobre o tempo, me deparei com uma obra de Salvador Dali a qual vou me utilizar para auxiliar na desconstrução imagética da concepção de tempo usual.



6

⁶ Pintura *A persistência da memória*, de Salvador Dali.

Nessa obra, o autor explicita sua preocupação com o espaço-tempo, representado pelos relógios moles e a marcação distinta do tempo entre os três relógios. Mas, para além disso, representa, no seu carácter surrealista, uma ideia possível do inconsciente em que os elementos se confundem e não são, por vezes, o que parecem ser. As interpretações são diversas e não pretendo esgotá-las, mas me utilizo do quadro para auxiliar o leitor e a leitora na exploração a respeito do tempo e da subjetividade. Com isso, quero dizer que o tempo também é psicológico, que ele também é inconsciente. O tempo varia para cada indivíduo a partir do ponto em que cada um de nós pode interpretá-lo e vivenciá-lo de uma forma diferente.

Numa entrevista à Fundação Francisco Manuel dos Santos, o neurocientista David Eagleman (2021) disse que a noção de tempo está diretamente relacionada a consolidação de memórias. Se estamos fazendo uma viagem para um lugar desconhecido e vendo muitas coisas novas, aprendendo coisas, isso nos faz ter uma grande quantidade de “imagens” que podemos utilizar para lembrar esse evento. Do contrário, numa situação rotineira como andar de ônibus, viajar para o mesmo lugar sempre, ou fazer um trabalho repetitivo, não nos fornecem novas memórias. Portanto, por mais que nos possa parecer que essas situações demoram enquanto estão acontecendo, quando acabam temos a sensação de que elas se passaram mais rápido. Talvez o tempo passe mais rápido na sociedade contemporânea, porque vivenciamos o excesso repetitivo da exigência neoliberal.

Com isso, não é que o tempo não exista, mas no meu ver ele se trata de uma travessia. Uma travessia individual que realizamos ao longo da vida até a finitude. É o tempo que, a partir de uma história que contamos de nós mesmos, nos proporciona uma ideia de indivíduo que entendemos como *eu*, mas também é o tempo que proporciona, através de uma perspectiva futura, fantasiar o sentido de uma vida sem sentido. Como coloca Edson Souza (2023), “uma travessia é sempre uma invenção”. Então, trata-se de inventar uma vida — algo que falta ao depressivo. A invenção é da ordem de arriscar algo novo. Não se trata, vejamos, de um risco no sentido probabilístico de quem investe na bolsa de valores, mas de um ato que dá abertura ao incerto, que nos livra da lógica econômica e nos possibilita arriscar uma vida desejante. Como disse certa vez Dufourmantelle (2011, p. 15), “en tanto acto, el riesgo da pie al azar.”⁷ Portanto, pensar o tempo não mais como algo contínuo é arriscar-se num campo desconhecido. É nessa ruptura com a lógica econômica que o risco permite que consigamos sair de cena do consumo e perceber o estratagema neoliberal. Talvez dessa forma, seja possível alargar o rio da existência, incrementando nela um deleite pela dúvida, como faz

⁷ “Como um ato, o risco da origem ao acaso.” (Tradução minha).

Borges no seu poema *Heráclito*. Afinal, o que é essa permanente travessia a qual estamos denominados a trilhar e que damos o nome de vida? A incerteza possui em si o belo que dá movimento a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Disso tudo, depreendo que o neoliberalismo é bizarro, porque perverte o desejo do sujeito contemporâneo. Ele oferece um mundo capitalista no qual tudo pode ser alcançado e todos os prazeres do mundo infinitamente adquiridos, a todo momento, e a própria felicidade nos é vendida de forma fragmentada, como um quebra-cabeça gigante e infinito. Precisamos consumir determinadas peças todos os dias ao custo de nossa própria vida. Mas pergunto, onde ficou a nossa liberdade como sujeitos? Vou responder isso me valendo do adjetivo que escolhi para o neoliberalismo (e o capitalismo também): “bizarro”. Parece pouco o chamar assim, dado todo o sofrimento que ele produz, mas vou tentar explicar o porquê me pareceu interessante usar esse adjetivo, somado a tudo o que já foi falado a respeito do assunto.

Deparei-me, ao final da escrita desse texto, com o livro do Contardo Calligaris, *O sentido da Vida* (2023). Nesse livro, o autor fala sobre o tópico da felicidade e vai criando uma trama sobre o sentido da vida, que é muito bom de ler. Mas a respeito da conduta dos indivíduos perante a vida, ele apresenta a estética como uma lupa pela qual o ser humano poderia se guiar nas suas decisões. Para ele, “o juízo estético vem do âmago da nossa subjetividade, é uma decisão que mal conseguimos explicar aos outros”, e segue falando que, “se nossa escolha moral for tão singular e espontânea quanto a escolha estética, seremos assustadoramente livres” (CALLIGARIS, 2023, p. 129). Calligaris usa o termo “assustadoramente” porque diz que essa liberdade, herança da sociedade moderna, é algo do qual estamos sempre tentando escapar. Por isso, ousei chamar o capitalismo de bizarro, uma escolha estética. Não tenho nenhuma pretensão classificatória ou argumentativa nesse sentido, mas não concordo que seja bonito algo que produza tanto sofrimento como os que já apresentei anteriormente. Não acho que seja bonito pessoas com placas nas sinaleiras pedindo cinquenta centavos para comprar um pão. Não acho bonito pessoas que acordam às cinco da manhã e postam fotos com *hashtag* “*enquantoelesdormemetrabalho*”. Não acho bonito que felicidade seja ter que trabalhar 30 anos para poder comprar um apartamento de um quarto na periferia da cidade e se contentar como isso como se fosse um vencedor. Não acho bonito trabalhar 10 horas por dia. Não acho bonito fazer 3 cursos ao mesmo tempo para não ficar para trás no mercado. Não acho bonito ter que viver como um ciborgue em constante autoaprimoramento, sempre adquirindo novas peças.

O que eu acho bonito é a arte e tento viver artisticamente como se a vida fosse uma grande obra na qual eu pinto e sou pintado, teço e sou tecido. Contardo (2023, p. 127) fala de forma muito bonita que “a vida é a obra de arte de cada um, a mais importante, a mais valiosa

e talvez também a única. A experiência da vida é uma experiência criativa de uma obra de arte. A vida de cada um de nós é a sua obra de arte”. Nesse sentido, a arte possibilita produzir furos no tecido rígido do capital e criar tessituras que vão compondo a vida. Ela possibilita que exerçamos um saber-fazer criativo que nos ajuda a encontrar a nossa própria voz diante do ensurdecido ruído do neoliberalismo que quer nos calar.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BEZERRA, Moreira Antônio Luis. Brasil tem 18,6 milhões de ansiosos e 13,5% deprimidos. **Assembleia Legislativa do Estado do Piauí**. Piauí: TV Assembleia, 2023. Disponível em: <https://www.al.pi.leg.br/tv/noticias-tv-1/brasil-tem-18-6-milhoes-de-ansiosos-e-13-5-deprimidos>. Acesso em 25 de jun. 2023.
- BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- BRASIL. **Conselho Federal de Farmácia**. Notícia: 30/07/2021 - Vendas de medicamentos para depressão aumentaram 13% este ano. Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=6428>. Acesso em: 5 mai. 2023.
- CALLIGARIS, Contardo. **O sentido da vida**. São Paulo: Paidós, 2023.
- CARROLL, Lewis. **As aventuras de Alice no País das Maravilhas e Alice do Outro lado do espelho**. Rio de Janeiro: Relógio D' água, 2000. p. 32.
- CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise Larousse**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUFOURMANTELLE, Anne. **Elogio del riesgo**. Ciudad de México: Nocturna, 2011.
- DUNKER, Christian. A hipótese depressiva. In: SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.
- DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- FFMSPT. «**O cérebro moldável**», uma entrevista ao neurocientista David Eagleman. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lq88IjLbeU8>>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- FISHER, Mark. **Realismo capitalista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- KAUR, Rupī. **Cura pelas palavras**. São Paulo: Planeta, 2023.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**. São Paulo: BOD GmbH DE, 2009.

MARQUES, Vitor; GONSALVES, Rodrigo. Contra o cancelamento do futuro: a atualidade de Mark Fisher na crise do neoliberalismo. *In*: FISHER, Mark (org.). **Realismo capitalista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

NÁPOLI, Lucas. **As diferenças entre o pequeno outro e o grande Outro em Lacan**. 2023. Disponível em: <https://lucasnapoli.com/2022/01/04/as-diferencas-entre-o-pequeno-outro-e-o-grande-outro-em-lacan/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

NASIO, Juan-David. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1993.

NEVES, Antonio *et al.* **A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si**. *In*: SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. Boitempo Editorial, 2013.

OMS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Depressão**. OMS, 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao#:~:text=A%20depress%C3%A3o%20%C3%A9%20um%20transtorno%20mental%20frequente>. Acesso em: 5 mai. 2023.

OMS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção**. OMS, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao#:~:text=A%20depress%C3%A3o%20e%20a%20ansiedade>. Acesso em: 26 de jan. 2023.

PESSOA, Fernando. **Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação**. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho). Lisboa: Ática, 1966. p. 93.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. *In*: SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021. p. 41.

SILVA, Márcia Ivana de Lima e. Espécie de colaboração: orientar em Escrita Criativa. *In*: TAUFER, Adauto Locatelli; DOMINGOS, Ana Cláudia Munari; RAMOS, Wellington Furtado (Orgs.). **Ensino da literatura, poéticas e teorias: volume 1**. Porto Alegre: Bestiário, 2021. p. 452-466.

SOUZA, Edson Luiz. Tempestades, faróis, palavras: arriscar uma psicanálise? *In*: **JORNADA DE ABERTURA APPOA E INSTITUTO APPOA**, 2023. Porto Alegre.

TEDX TALKS. **Time does not exist: Carlo Rovelli at TEDxLakeComo**. YouTube, 27 nov. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xHHjGKwZWM>. Acesso em: 18 mai. 2023

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Ainda somos sujeitos desejantes? **Sig: revista de psicanálise**. Porto Alegre. Ano 9, n. 1, 2020. p. 63-74.

